

A QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA REDE PÚBLICA

José Santos de SÁ (Graduado/UFS)
Zizina do Rozário SANTOS (Graduada/UFS)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir a questão da motivação como elemento importante no sucesso ou no insucesso nas aulas de língua inglesa, sendo que o fator motivacional está diretamente ligado à parte cognitiva, emocional e afetiva do aluno. Pautando-se na importância do incentivo e interação por parte dos professores para a busca desses estímulos nos alunos para ajudar a despertar uma motivação no aprendizado de língua estrangeira, em específico a língua inglesa, e tendo em vista a relevância desse idioma desde os primórdios até a atualidade e os problemas existentes em seu ensino na escola pública, buscou-se realizar esta pesquisa em duas turmas – uma sendo do ensino fundamental maior (9º. ano) e a outra do ensino médio (3º. ano) em duas escolas da rede pública de Sergipe, através do preenchimento de questionário e também de um grupo focal com os alunos. Posto isto, o presente artigo mostrará inicialmente a definição do termo motivação na visão de alguns autores, como Schütz (2014), Charlot (2000) e Brown (2000), assim como as suas classificações e o que leva, provavelmente, o discente a estar (des)motivado nas aulas de inglês.

Palavras-chave: motivação, alunos, língua inglesa

Introdução

Professores de inglês usam comumente a palavra “motivação” para falar de sucesso ou insucesso nas aulas da língua estrangeira. Diante desse fato, procuramos compreender melhor o assunto, fazendo uma pesquisa com alunos do ensino básico da rede pública de Sergipe. Pesquisamos duas escolas, uma de ensino fundamental (em Aracaju) e outra de ensino médio (em São Cristóvão). Sendo assim, a primeira instituição será chamada de escola “A” e a segunda, de escola “B”. Além disso, também é importante salientar que as turmas analisadas foram o 9º. ano do ensino fundamental e o 3º. ano do ensino médio, sendo que a primeira foi da rede municipal e a segunda, da estadual.

Também é indispensável comentar que este trabalho foi útil para refletirmos acerca do ensino da língua inglesa, sobretudo na rede pública, porque pudemos certificar-nos a respeito do quão motivados estão os alunos nas aulas de inglês. Diante da constatação, podemos traçar, como professores de inglês, estratégias fundamentais para que possamos motivar nossos alunos nas aulas.

Somos conscientes de que estudar uma língua estrangeira não é fácil e requer todo um aparato estimulante por parte desse indivíduo que se dispõe e/ou é proposto a estudá-la. Dessa forma, o professor entra como papel importante dessa ação motivadora. Entretanto, analisando cuidadosamente, não só depende do docente, mas sim, de um sistema como um todo, isto é, professores, os próprios alunos, a escola, o governo etc.

Nesse sentido, é comum a procura de um culpado pelo insucesso em relação à não aprendizagem efetiva do corpo discente. Por isso, Leffa (2011, p. 18) fala da *criação de bodes*, que consiste na tentativa de culpar um ao outro por essas faltas de êxitos escolares. Leffa (2011, p. 24) ainda salienta que o governo, o professor e o aluno formam um triângulo do insucesso escolar, onde duas vértices desse triângulo são os culpados, quando tenta-se encontrar culpados. Assim, pode-se pensar que se um aluno não estiver motivado nas aulas de inglês é por causa do professor que não o está motivando, ou, por outro lado, se o professor não estiver motivado é por causa dos alunos devido a sua falta de interesse e participação deles ou até mesmo a necessidade de investimento de melhor qualidade para educação por parte do governo. No entanto, o fato de estar culpando um ao outro, muitas vezes, é uma tarefa ineficaz porque, na escola pública, é comum essa “criação de bodes”, mas o conflito não é resolvido, continuando os problemas como estão, na maioria das vezes (LEFFA, 2011, p. 31).

Diante disso, é preciso afirmar que para que uma ação motivadora aconteça, é preciso haver, por parte do docente também, essa motivação que podemos chamá-la de dedicação pelo que faz e inovação de suas aulas. Porém, como afirma Schütz (2014), assim como todo e qualquer processo de aprendizagem, o ato de aprender deve ser ativo e não passivo, ou seja, o aluno tem também que mobilizar-se para adquirir o conhecimento. Diante da afirmação acima, o autor ainda acrescenta que “não é nem o professor que ensina, nem o método que funciona, mas o aluno que aprende”. Essa citação quer dizer que o aluno é o principal agente do seu próprio conhecimento, conforme outros autores já afirmaram (CRUZ; LIMA, 2011; PAIVA, 2009), pois mesmo se o professor estiver apto e motivado a ensinar, mas se o aluno não quiser ou não estiver motivado a aprender, a obtenção do conhecimento é nula. Por isso, a motivação do aluno entra como fator essencial no aprendizado de uma língua estrangeira.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a questão da motivação nas aulas de língua inglesa, procurando mostrar as diferentes concepções do termo na visão de alguns autores e o que possivelmente motiva ou desmotiva os alunos nas aulas de inglês.

O que é motivação?

Com o objetivo de analisar a questão da motivação, procuramos a definição desse termo vista de forma divergente na concepção de alguns autores. Por exemplo, para Schütz (2014) “a motivação pode ser definida como um conjunto de fatores circunstanciais e dinâmicos que determina a conduta de um indivíduo”; isto é, tem que haver um motivo, uma necessidade para que o aluno esteja motivado. A motivação vai surgir para satisfazer essa necessidade. Se não houver, não haverá motivação por parte do aprendiz.

Por outro lado, na perspectiva de Charlot (2000, p. 54-55) a motivação é algo passivo, externo; ou seja, ela só existe a partir de quando haja alguém para motivar o outro. Isso quer dizer que, na visão do estudioso, a motivação em si seria o que outros autores costumam chamar de *motivação extrínseca*. Desse modo, ele difere motivação de mobilização, porém algumas vezes estes dois termos possam se convergir. Para Charlot, a mobilização é uma força interna que faz o aprendiz/ aluno mobilizar-se para adquirir um determinado conhecimento, isto é, a mobilização seria o que outros estudiosos chamam de *motivação intrínseca*, como veremos no percorrer deste trabalho.

Ainda nesse conceito de motivação, Piletti afirma que

Motivar significa predispor o indivíduo para certo comportamento desejável naquele momento. O aluno está motivado para aprender quando está disposto a iniciar e continuar o processo de aprendizagem, quando está interessado em aprender um certo assunto, em resolver um dado problema etc. (PILETTI, 1994, p. 64)

Como o teórico acima relata, o docente vai integrar o aluno em uma certa situação de aprendizagem na qual o discente se mostrará motivado a partir de quando ele não se submeta ou não fique restrito/ limitado somente aquilo que o professor ensina, mas também ir além disso, procurando desenvolver suas habilidades linguísticas cada vez mais. Ou seja, o

professor vai ajudar o aluno a ser mais autônomo, onde esse aprendiz vai procurar ir além do que se é ensinado na sala de aula.

Além dessas diferentes visões do termo motivação, é importante deixar claro que tal palavra perpassa por dois campos de estudos distintos: a concepção behaviorista e cognitiva. De acordo com Brown (2000, p. 75), no parecer behaviorista, a motivação é vista como “a antecipação de reforço”, isto é, se estou motivado é porque sei que receberei algo em troca por isso, como elogios, boas notas etc. No entanto, no sentido cognitivista, há três teorias que ilustram o campo da motivação: a teoria do impulso, a hierarquia das necessidades e a teoria do autocontrole.

A teoria do impulso consiste na ideia de que a motivação descende de impulsos inatos. No caso da hierarquia das necessidades, tem-se um esquema que apresenta uma divisão hierárquica em que as necessidades de níveis inferiores (água, comida, segurança) devem ser satisfeitas antes das necessidades de níveis superiores, como a autorrealização. Por fim, a teoria do autocontrole está associada à ideia de dar-se importância para que os aprendizes possam fazer suas próprias escolhas no processo de aprendizagem, criando-se um contexto de aprendizagem cooperativa.

Motivação extrínseca e intrínseca

De acordo com Hadfield e Hadfield (2009) e Brown (2000), a motivação pode ser classificada em dois tipos: intrínseca e extrínseca. Na visão dos Hadfields (2009, p. 8), a motivação intrínseca ocorre quando um aprendiz está aprendendo inglês (ou qualquer outra língua) por prazer, para se comunicar, conhecer novas pessoas e outras culturas, ou simplesmente, por interesse em algum país. Já a extrínseca consiste na ideia de estar aprendendo um idioma por razões externas, como por exemplo, para a carreira, o estudo, uma viagem, um exame de proficiência etc.

Já o que diz respeito à concepção de Brown (2000, p. 77), o autor afirma que a motivação extrínseca é aquela em que o aprendiz está engajado a aprender algo desde quando haja uma troca, isto é, o aluno estará motivado na aprendizagem se ele souber que vai ganhar algo com isso, como por exemplo, notas, pequenas recompensas, como chocolates, balas etc; ou até mesmo um *feedback* positivo em relação ao seu desempenho. Por outro lado, a

motivação intrínseca consiste em uma aprendizagem em que não haja essa recompensa externa, ou seja, o aluno está motivado a aprender pela sua própria satisfação e desenvolvimento.

Contudo, na concepção de Schütz (2014), o estudioso prefere usar a nomenclatura motivação direta e indireta em vez de intrínseca e extrínseca concomitantemente. Assim, ele afirma que a motivação direta é aquela que nos conduz diretamente ao que satisfaz uma de nossas necessidades, enquanto que a indireta é aquela que nos conduz a um objetivo intermediário, ou seja, um aluno possa estar sendo motivado indiretamente porque ele almeja ir para o exterior, por exemplo.

Dessa forma, nota-se que o indivíduo precisa estar motivado de alguma maneira para obter sucesso no aprendizado de uma língua estrangeira, nesse caso o inglês. Do mesmo modo, o professor também tem que mostrar motivação, pois se houver a falta desta por parte do docente, possa acarretar em algo similar nos discentes também.

Justificativa e procedimentos metodológicos

Decidiu-se fazer esta pesquisa, a princípio, por exigência da disciplina de Estágio Supervisionado de Inglês IV, em 2014, no curso de Letras Inglês, oferecido pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Por isso, decidimos analisar o que (des)motiva o corpo discente nas aulas de inglês, pois em estágios anteriores tínhamos observado alunos motivados, pouco motivados e desmotivados. Assim, através do estudo, poderíamos compreender o assunto melhor e, dessa forma, propiciar aos nossos alunos um ensino efetivo.

A referente análise foi de cunho qualitativo através de um grupo focal e questionários com 7 perguntas, sendo 1 subjetiva, 2 objetivas sem justificativa e 4 objetivas com justificativa. Também solicitamos os pesquisados a mencionar o gênero deles. A pesquisa foi realizada primeiro com o ensino fundamental e por último com o médio. Devido a um problema tecnológico com o celular que havíamos gravado a entrevista do grupo focal, não foi possível transcrevê-lo neste trabalho.

Os dados coletados foram expostos por meio de tabelas, e, no caso das perguntas subjetivas, selecionamos as mais relevantes, uma vez que houve muitas ideias repetitivas.

Como nosso foco foi em alunos, coube-nos fazer uma análise a fim de traçar um elo quanto ao objeto da nossa pesquisa; a questão da (des)motivação a qual poderia ser ou não um problema por parte do alunado.

Resultados e discussões

TAB. 1 – Qual dessas habilidades é mais fácil para você?

ALUNOS	Falar	Escrever	Ler	Ouvir
Escola “A”	5	3	4	11
Escola “B”	8	9	7	8

Constata-se nessas respostas que há um pouco de incoerência por parte dos discentes, pois na entrevista que tivemos com alguns deles, tanto da escola A quanto da B, afirmaram não ser bons nas habilidades de compreensão e expressão oral, uma vez que os professores só trabalhavam com a escrita e leitura. Como alguns dos discentes pesquisados dizem ter facilidade na fala e na compreensão oral, se tais habilidades não são trabalhadas em aula, conforme uma parcela deles relatou? Esse fato pode ser possível, desde quando eles mobilizem-se para obter novos conhecimentos.

TAB. 2 – Em qual delas você tem mais dificuldade?

ALUNOS	Falar	Escrever	Ler	Ouvir
Escola “A”	6	5	6	4
Escola “B”	6	4	4	8

Já a que se refere às dificuldades dos alunos, percebemos uma aproximação em relação aos seus “pontos fracos” nas habilidades linguísticas em ambas as escolas, com exceção da compreensão oral. É impressionante porque entre 21 alunos pesquisados na escola “A”, somente 4 têm dificuldade em tal habilidade, sendo que muitos estudiosos como Hadfield e Hadfield (2009, p. 88) afirmam que essa habilidade é uma das mais desafiadoras em uma língua estrangeira, pois além de requerer muita prática, também é complexa.

Não queremos dizer com essas afirmações que seja impossível ter facilidade com a

compreensão oral, no entanto só queremos frisar que esse fato é claramente possível, desde que a prática seja constante, mesmo que autonomamente.

TAB. 3 – O que você acha do ensino da língua inglesa?

ALUNOS	RESPOSTAS ¹	GÊNERO
Escola “A”	“Poderia ser melhor”	F
	“Necessário e bom pois eu curto muitos jogos e a maioria dos jogos estão em inglês.”	M
	“Uma merda”	M
	“Uma porcaria.”	M
	“Bom, porque de certa forma já nos deixa preparados para o mercado de trabalho, pois muitas vezes você tem que ser bilingui.”	F
Escola “B”	“É bom, mas precisa melhorar. Eu praticamente fiquei uns três anos aprendendo só o verbo tobe.”	M
	“É uma matéria complicada e interessante tenho algumas dificuldades, mas sonho muito em aprender essa língua.”	F
	“Nas escolas o inglês quase não serve para nada, porém em cursos e na faculdade tem muito a acrescentar.”	M
	“Precisa melhorar muito.”	F
	“Sem valor porque agente não vai pra Inglaterra.”	M

Como podemos observar, as respostas da tabela acima são muito variadas, pois alguns alunos acham relevante o ensino da língua inglesa enquanto outros discordam. Dessa forma, podemos chegar à conclusão de que parte deles está desmotivada nas aulas de inglês, por razões desconhecidas; pois pode ter vários motivos, como: a metodologia do professor, seu desempenho no aprendizado da língua, a falta de objetivo perante o idioma etc.

Além disso, outro fato que chama bastante atenção é quando alguns alunos afirmam que o ensino precisa melhorar e falam das práticas contínuas de professores. A resposta não está muito clara, porém o fato de haver estudos em volta dos mesmos itens gramaticais/lexicais é exposto por Cruz e Lima (2011, p. 188) como a ação repetitiva de muitos professores de inglês. Nesse sentido, Sá (2014, p. 06) afirma que um dos fatores que contribuem para a desmotivação dos alunos são aulas que giram em torno dos mesmos assuntos gramaticais em diferentes níveis escolares. A afirmação da aluna não quer dizer que

¹ Todas as respostas subjetivas dos grupos pesquisados foram transcritas mantendo-se a escrita original deles, havendo, portanto, variedades linguísticas divergentes à padrão.

ela esteja desmotivada, porém a repetição do ensino do verbo *to be* pode causar esse problema.

TAB. 4 – Se você tivesse oportunidade, faria um cursinho de inglês?

ALUNOS	Sim	Não
Escola “A”	17	5
Escola “B”	17	2

ALUNO	RESPOSTAS	GÊNERO
Escola “A”	“Para aprender mais se tornar fluente.”	M
	“Perda de tempo”	M
	“Para aprender outro idioma”	M
	“Sim pois teria concentração.”	M
	“Porque não quero”	F
Escola “B”	“pra melhorar meu inglês, principalmente na fala.”	M
	“Para melhorar meu entendimento na matéria, já que gosto muito, e tenho interesse em aprender.”	F
	“Sim porque as aulas de inglês não da conta da minha vontade de aprender.”	M
	“Não quero.”	F

As respostas apresentadas pelos alunos remetem ao interesse em aprender a língua inglesa como língua estrangeira, porém, é como se as aulas no ensino regular não fossem suficientes para o aprendizado, sendo necessário uma complementação nos cursos livres. O contexto é como se a escola fosse um lugar não possível de aprender a língua, mas o cursinho como um lugar não somente possível, mas ideal, como ressalta Barcelos (2011, p. 150). Alguns alunos se sentem desmotivados em relação ao aprendizado quando são questionados se fariam um cursinho de inglês. Esses fatores podem ser resultados da falta de objetivos, do desconhecimento da relevância do idioma no mundo globalizado etc.

TAB. 5 – Você gosta das aulas de inglês?

ALUNOS	Sim	Não
Escola “A”	14	8
Escola “B”	7	12

ALUNO	RESPOSTAS	GÊNERO
Escola “A”	“precisam de mais interação”	M
	“Porque só passa atividade, e a gente só copia.”	F
	“Por que é chato e meus colegas de classe não deixa ouvir”	F
	“Acho legal o jeito em Falar e escrever”	F
Escola “B”	“Acho legal mas não entendo muito.”	F
	“Não entendo nada.”	M
	“Porque fundamental o conhecimento é.”	M
	“para melhorar nosso conhecimento”	M

O aspecto didático-metodológico foi exposto com frequência nas respostas dos alunos entrevistados, onde eles questionam que só copiam e não tem uma atividade mais interativa. Os alunos querem aulas que fujam ao tradicional GLS (giz, lousa e saliva) para um contexto de (re)construção do conhecimento.

Além disso, constata-se que a maioria dos alunos da escola “B” não gosta das aulas de inglês. Consideramos, como professores, o fato muito problemático, uma vez que eles já estão no último ano do ensino médio. Muitos deles (no grupo focal), afirmaram gostar de inglês, mas não das aulas. Naquele momento da entrevista, também disseram que elas não eram interativas, não traziam nada que tivessem relação com o mundo deles. Ademais, os discentes também afirmaram que, duas vezes, o professor tinha feito uma aula diferenciada, a qual tinha sido trabalhada com um vídeo. Eles se sentiram muito motivados e desejaram atividades similares. Depois daquela aula, o professor não trabalhou mais daquele jeito, com exercícios que fizessem parte do mundo do aluno. Eles questionavam por que o professor não continuava com aquela metodologia diferenciada, mas o docente limitava-se a responder às perguntas, voltando ao método tradicional. Nesse sentido, Paiva (2009, p. 33) afirma que “talvez seja por isso que os alunos do ensino médio sejam os mais desmotivados, pois já perderam a esperança de uma aula que faça sentido”.

TAB. 6 – Se fosse possível, o que você acrescentaria nas aulas de inglês?

ALUNOS	Músicas	Filmes	Jogos	Nada	Outras coisas
Escola “A”	13	8	3	1	1

Escola “B”	11	8	3	-	1
------------	----	---	---	---	---

ALUNO	RESPOSTAS	GÊNERO
Escola “A”	“Pois jogos em ingles seria bem mais interessantes e produtivos.”	M
	“É um modo de você querer aprender pois você quer entender o que tem na musica”	F
	“Eu amo musica e também modificaria muito as aulas chatas!”	F
Escola “B”	“é um jeito mais fácil de insentivar a aprendizagem.”	M
	“porque é a forma mais fácil de interagir”	M
	“Para estimular”	M
	“Porque a aula ficaria mais interativa.”	M

A questão das aulas de língua inglesa reflete os aspectos debatidos na parte anterior, visto que, os alunos voltam para a abordagem das aulas mais construtivas e que façam parte do mundo deles.

TAB. 7 – Você se sente motivado nas aulas de inglês?

ALUNOS	Sim	Não
Escola “A”	14	8
Escola “B”	9	10

ALUNO	RESPOSTAS	GÊNERO
Escola “A”	“é verbo to be o ano todo”	F
	“Pra aprender os games e me tornar fluente.”	M
	“Porque são chatas e os professores não fazem nada para dar motivação.”	M
	“Porque não tem condições para houver por causa da confusão.”	F
	“Acho que falta apoio dos professores e o incentivo também”	M
Escola “B”	“Por que eu queria que fossem maiores e que ensinassem pronuncia das palavras.”	M
	“Porque é pouco tempo, com isso não dá para aprender muito.”	M
	“Pois sonho em aprender a falar inglês.”	F
	“É uma aula normal sem muita animação”	M
	“falta de estrutura, mas bons professores”	M

No aspecto motivação, a maioria dos discentes expressou suas opiniões em relação às aulas de inglês como algo que precisa de melhoria envolvendo políticas internas e externas à escola. Aspectos esses que geram desânimo nos alunos, conforme eles mencionam: “acho que

falta apoio dos professores e o incentivo também”, “porque são chatas e os professores não fazem nada para dar motivação”.

Conclui-se esta parte do trabalho afirmando que o grupo focal, embora não tenha sido transcrito aqui, foi de extrema importância para entender claramente os porquês da (des)motivação discente devido ao fato que os alunos expressaram-se melhor em relação ao tema. No grupo focal da escola “A”, dentre 5 alunos entrevistados, constatamos que 4 estavam motivados no aprendizado da língua inglesa, mas não nas aulas. Assim, o principal fator dessa divergência em relação à aprendizagem, foi porque eles relataram que as aulas não saíam do tradicional, ou seja, aulas mecânicas e baseadas no Método da Gramática da Tradução. Outro aspecto importante, foi a indisciplina por parte dos seus colegas de classe que atrapalhava no aprendizado daqueles que almejavam aprender a língua.

Já na escola “B”, não foi diferente. Eles questionaram que o professor não produzia aulas interativas, que fugissem ao tradicional. Além disso, dentre 9 entrevistados, 6 alunos deixaram claro que estavam motivados em aprender a língua, mas não na sala de aula, pois essa não tinha nada que os estimulasse. Somente 3 discentes afirmaram estar desmotivados em virtude de preferirem espanhol (foi o caso de 1 aluno em específico) e não terem interesse pela língua inglesa.

O fato de alguns alunos afirmarem que se sentem motivados na aprendizagem de inglês, talvez de forma autônoma, mas não nas aulas da disciplina, chama muito a atenção, pois as declarações nos fazem entender que está havendo fatores desmotivadores nas atividades pedagógicas dos professores e no contexto escolar que estão contribuindo negativamente no processo de aprendizagem do corpo discente.

Em síntese, pode-se afirmar que entre os 41 alunos pesquisados, 65,85% deles estavam desmotivados, ressaltando que 34,14% eram do sexo feminino e 29,26% do sexo masculino e 2,46% sem gênero especificado. Em relação aos motivados, obtivemos 34,15%, sabendo que 17,07% foi do sexo masculino e a outra metade do sexo feminino. Dessa forma, os principais fatores para a desmotivação dos discentes foram aulas desagradáveis, professores pouco motivadores, salas de aulas muito barulhentas e o mito da “incapacidade” (na concepção dos alunos, o que diverge com a nossa opinião) de aprender o idioma na escola

pública, por isso muitos discentes comentaram que acham um curso livre o local mais apropriado para a aprendizagem da língua.

Além disso, é interessante ressaltar que a quantidade de alunos desmotivados nas aulas de inglês foi assustadora, mais da metade, cabendo a nós, como professores, repensar sobre nossas práticas pedagógicas e autonomia em sala de aula, para que possamos deixar nossos alunos mais motivados na aprendizagem do idioma.

Considerações finais

Este artigo foi de suma importância para compreender melhor o tema abordado e os motivos que podem motivar ou desmotivar os alunos nas aulas de inglês. Conforme observamos, aulas meramente tradicionais e em volta dos mesmos itens linguísticos e a pouca autonomia dos docentes foram uns dos fatores que mais contribuíram com a desmotivação nas aulas da língua estrangeira em foco.

Embora a maioria dos alunos pesquisados estava desmotivada, conforme demonstrado na estatística, pudemos constatar que uma parcela deles estava motivada e via sentido na aprendizagem do idioma. Portanto, cabe a nós, como professores, traçar metas para melhorar nossas práticas pedagógicas em sala de aula, não apenas no que diz respeito à aprendizagem do código linguístico, mas também na sua total importância no ensino básico que é a formação cidadã, com trabalhos que permeiam questões culturais e educacionais (BRASIL, 2006, p. 87-91).

Diante de toda esta discussão, podemos concluir este trabalho afirmando que a motivação é um elemento indispensável no processo de ensino-aprendizagem, pois como Brown (2000, p. 72) afirma, ela pode ser a diferença entre sucesso e falha nesse processo. Para que tenhamos esse sucesso, uma das ferramentas mais importantes é demonstramos, como docentes, a motivação e a percepção da diferença, conforme Ramos (2009, p. 55) menciona. Ou seja, procurarmos uma maneira de motivar nossos alunos extrinsecamente, se eles não estiverem motivados intrinsecamente.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: SEB/MEC, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/profs/reinildes/dados/arquivos/ocem.pdf>>.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira: 3º. e 4º. ciclos do Ensino Fundamental – Língua Estrangeira*. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC / Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *PCN + Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>.

BROWN, Douglas H. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. 2nd ed. Pearson Education/Longman, 2000.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 6-15.

HADFIELD, Jill; HADFIELD, Charles. *Manual Oxford de introdução ao ensino de língua inglesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Inglês em escolas públicas não funciona: uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PILETTI, Nelson. *Psicologia educacional*. 13. ed. São Paulo: Ática, 1994.

SÁ, José de S. Ensino de inglês e memórias negativas no aprendizado. COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 8., 2014, São Cristóvão/SE. *Anais...* São Cristóvão, 2014. p. 1-11.

SCHÜTZ, Ricardo. Motivação e desmotivação no ensino de línguas. *English Made in Brazil*. Disponível em <<http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>>. 12 jun. 2014. Acesso em: 17 mai. 2018.